



Processos Organizativos e Apoio à Saúde Mental de viventes na Feira Livre de Campina Grande (PB)

Daniele Diógenes Holanda de Souza¹, Allan Dellon Pereira Ferreira², Beatriz Maria Benício Diniz de Almeida³, Jade Meire Sousa Magalhães⁴, Joane Késsia Franco de Lima⁵, Maria Emília Alencar de Medeiros Lucena⁶, Weny Myrrelle Costa Lima⁷, Maria Valquíria Nogueira do Nascimento⁸
maria.valquiria@professor.ufcg.edu.br;

Resumo: A Feira Central de Campina Grande (PB) vivencia modernizações, exigindo atenção não somente às reverberações mercantis, mas também relacionais e socioculturais na subjetividade dos trabalhadores. Dessa maneira, esta extensão objetivou fomentar processos organizativos e ações de saúde mental, através das metodologias participativas, contudo não tiveram uma adesão significativa. Assim, outras estratégias foram adotadas, como o plantão psicológico, para viabilizar as ações, resultando em um processo de produção de saúde.

Palavras-chaves: *Feira Central; Saúde mental; Trabalhadores da feira; Plantão Psicológico.*

1. Introdução

Por meio das vivências realizadas na Feira Central de Campina Grande (PB), das visitas técnicas, territorializações e rodas de conversas da disciplina de Psicologia Comunitária, o Núcleo de Pesquisa e Extensão em Psicologia Comunitária e da Saúde (NUCS), reconheceu a potencialidade desse cenário enquanto um lugar passível de reflexão, discussão, estudo e experiência, e, em conjunto com os representantes administrativos da feira, que demonstraram o desejo de integrar o projeto em benefício dos sujeitos que compõem esse espaço vivo de trabalho e cultura, esta atividade de extensão foi delineada e desenvolvida.

Para tanto, este projeto objetivou favorecer um espaço de promoção de saúde mental e fortalecimento do processo organizativo dos feirantes, por meio de atividades de Práticas Integrativas e Complementares Grupais, que estimulasse a troca de experiências, o fortalecimento de vínculos e possíveis reflexões quanto a modernização da feira e como isso afeta a vida desses trabalhadores. No que tange ao público-alvo, as ações foram destinadas para e com os feirantes, comerciantes e ambulantes, que atuam na Feira Central de Campina Grande, conferindo, através de suas práticas cotidianas de mercado e sociabilidades, cor e vitalidade a esta feira.

Neste sentido, para que fosse possível o trabalho em parceria com esses profissionais, as ações de extensão iniciaram-se com planejamento participativo, territorializações e busca ativa, objetivando conhecer e escutar as reais demandas desses atores sociais que formam o espaço da feira, como também para que houvesse vinculação entre os profissionais, estudantes e comunidade. Mas, frente à dificuldade em montar um grupo, realizou-se acolhimentos psicológicos individuais,

^{1,3,4,5,7} Estudantes de Graduação, UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.

^{2,6} Orientadores, psicólogos, Campina Grande, PB. Brasil.

⁸ Coordenadora, professora, UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil

visando acolher o sofrimento, promover a construção de vínculos com as extensionistas, para, posteriormente, estimular a participação comunitária e iniciar a formação do grupo, abrindo assim caminho para a transformação social em conjunto

2. Metodologia

O presente trabalho foi desenvolvido com base nos fundamentos metodológicos firmados na Educação Popular de Paulo Freire, que, como afirma Gadotti (2012)[1], constitui-se como um modelo de pedagogia crítica, que a partir do conhecimento da realidade, em conjunto dos sujeitos que dela fazem parte e do diálogo, assume a responsabilidade ético-política com a transformação social. Assim, as práticas foram desenvolvidas de forma coletiva e horizontal, com base na realidade dos feirantes, promovendo a participação ativa dos destinatários em um processo contínuo de ação-reflexão-ação.

Compreende-se a Feira Central de Campina Grande como um espaço em constante transformação e essencial para a subjetividade dos sujeitos, portanto, realizou-se um processo inicial de territorialização, escuta ativa e análise das dinâmicas locais.

Além disso, as práticas extensionistas buscaram valorizar os saberes populares, promovendo o diálogo entre conhecimentos científicos e culturais, pois, como explica Silva (2016)[2], a extensão, fundamentada na Educação Popular, segue o seu percurso buscando a construção coletiva de saberes. Assim, as ações promoveram o diálogo entre a cultura popular e o conhecimento científico, sem hierarquizá-los.

Dessa forma, com base no reconhecimento do território e suas características, foi possível planejar ações de forma participativa, utilizando metodologias que envolvem os sujeitos no processo. Nesse sentido, o projeto de extensão “Processos Organizativos e Apoio à Saúde Mental de viventes na Feira Livre de Campina Grande (PB)” recorreu aos seguintes recursos:

Planejamento participativo: De modo coerente com os princípios da Educação Popular, as ações extensionistas foram planejadas a partir da realidade concreta, das reais necessidades e potencialidades ali presentes e em diálogo com os sujeitos.

Técnica da Mandala: A partir de perguntas disparadoras, alinhadas com a realidade dos sujeitos, e das respostas fornecidas por eles, que dão cor e forma à mandala, esta técnica se apresenta enquanto uma ferramenta metodológica que possibilita trocas dialógicas

e construção de vínculos.

Em virtude de dificuldades na formação de grupos, não foi possível utilizar de muitas metodologias descritas no projeto, como o Círculo de Cultura (Paulo Freire), Terapia Comunitária (Adalberto Barreto), Tenda do conto (Jaqueline Abrantes) e entre outras ferramentas. Em razão disso, se fez necessário uma adaptação das atividades para iniciativas alinhadas com as demandas, como a escuta e acolhimento na modalidade de plantão psicológico.

3. Resultados e Discussões

O projeto de extensão “Processos Organizativos e apoio à saúde mental de viventes na Feira Livre de Campina Grande (PB)” iniciou-se no semestre letivo de 2024.1, na UFCG, no mês de julho, e contou com a participação de cinco (05) graduandos de psicologia e dois (02) orientadores, todos vinculados ao NUCS. No tocante ao público beneficiário, as ações foram abertas à participação de todos os trabalhadores da feira interessados. Nas etapas iniciais, buscou-se o contato das extensionistas e orientadores com a realidade concreta da Feira Central, por meio de visitas técnicas, reuniões de planejamento participativo com os membros da administração e territorializações.

Conforme já mencionado, foi enfrentada uma dificuldade na formação de grupo, impossibilitando a implementação das metodologias participativas. Como resultado, a continuidade do trabalho seguiu por outras vias possíveis em colaboração com os sujeitos destinatários do projeto. Desse modo, as intervenções contemplaram o planejamento participativo, territorialização, busca ativa, técnica da mandala e o plantão psicológico.

Reunião de planejamento

O primeiro contato dos participantes com o campo durante a vigência do projeto aconteceu através da apresentação da proposta e reunião de planejamento participativo com os membros da administração da Feira Central, na qual se escutaram atentamente as necessidades e problemas emergentes, assim como foram definidos coletivamente os próximos passos.

Durante a reunião, os administradores expressaram suas preocupações em relação à saúde mental dos trabalhadores daquele espaço, destacando a prevalência dos problemas relacionados ao álcool e outras drogas e das compulsões alimentares e sexuais. Os relatos de compulsões alimentares eram acompanhados da justificativa de ansiedade diante das dificuldades encontradas no mercado de trabalho. Além disso, também foi apresentado algumas sugestões, em especial a de ampliar o público beneficiado para além dos feirantes, acolhendo também outros trabalhadores da feira. No fim, este encontro expandiu a compreensão sobre as demandas e necessidades, possibilitando ajustes e o levantamento de novas questões.

Caminhando pela feira: Territorialização

De acordo com De Queiroz (2018)[3], o território é visto como um organismo vivo, sendo necessário como abordagem inicial a compreensão da dialética espacial do campo e dos processos de saúde. Assim, o projeto caminhou buscando conhecer a Feira Central e os sujeitos que a tornam viva, através da territorialização

A atividade de territorialização contou com a

presença de cinco (05) extensionistas, dois (02) orientadores e um trabalhador da feira, que percorreu o espaço, explicando a dinâmica de organização das bancas e ruas, bem como apresentando os fatos históricos que marcam aquele lugar.

Neste momento, não somente conseguiu-se ampliar a compreensão sobre o funcionamento e estrutura da feira, mas também proporcionou o contato com a demanda a partir das falas dos próprios feirantes e o início da construção de vínculos, na medida em que o grupo saiu caminhando, conhecendo e dialogando sobre as suas histórias e rotinas.

Busca Ativa

O objetivo central desse encontro foi convidar e incentivar a participação dos feirantes na primeira intervenção do projeto. Mas conforme apontado por Gadotti (2012), quando afirma que conhecer demanda tempo, sensibilidade, alegria e envolvimento, além de tempo para aprender, não apenas para ensinar, este dia também contribuiu para uma melhor compreensão das extensionistas e orientadoras sobre a feira e as relações que se desenvolvem nesse cenário e lhe confere vitalidade.

Os facilitadores de extensão circularam pelos setores da feira, realizando os convites por meio do diálogo e da entrega de recursos impressos, informando sobre o projeto e o funcionamento dos encontros. Observou-se o interesse de alguns feirantes, principalmente de idade avançada, em participar das atividades, porém, mencionaram a dificuldade em comparecer em razão de seus trabalhos. Neste primeiro momento, já foi possível se deparar com os desafios que ocorreram durante as atividades, quanto à participação nos encontros.

Figura 1 - Convite impresso

Tentativa e desafios na realização de atividades grupais

Após um tempo dedicado aos estudos teóricos, as reuniões de planejamento e a busca ativa, foi realizada a primeira atividade grupal com o uso das metodologias participativas. No entanto, a adesão dos feirantes foi pequena, com somente três (03) presentes, sendo eles uma feirante e duas pessoas que estavam caminhando pelo mercado central e optaram por participar.

Embora não tenha ocorrido conforme o esperado, as extensionistas e os orientadores mantiveram o que foi



planejado. As metodologias utilizadas neste encontro

foram com o mosquito africano, para quebrar o gelo, e a técnica da mandala, na finalidade de conhecer cada um e construir vínculos com eles. No encerramento, um lanche coletivo foi compartilhado, o que proporcionou um momento descontraído de interações entre os participantes.

A partir disso, a formação de um grupo coeso e engajado apresentou desafios significativos ao longo do processo, principalmente devido à baixa adesão dos participantes. No entanto, apesar do planejamento detalhado e das metodologias interativas aplicadas, uma das principais dificuldades foi a irregularidade na participação. A baixa adesão impactou a continuidade das atividades, dificultando a criação de um senso de pertencimento entre os membros. Desse modo, sem uma presença constante, tornou-se impossibilitado a consolidação de um grupo, e cada novo encontro exigia um esforço adicional para a realização das atividades planejadas.

Além disso, outro aspecto relevante foi a dificuldade em alinhar horários e interesses. Uma vez que, muitas vezes, os encontros coincidiram com outras responsabilidades dos participantes, o que dificultou a formação de um grupo fixo e comprometido. A falta de uma rotina estabelecida também impactou a dinâmica do grupo, tornando os momentos de interação menos frequentes e, consequentemente, reduzindo a familiaridade entre os membros. Portanto, diante da impossibilidade de consolidar um grupo, tornou-se evidente a necessidade de redirecionar a forma de trabalho para garantir que os objetivos do projeto ainda pudessem ser alcançados.

Figura 2 - Técnica da Mandala

Recalculando a rota: Plantão psicológico

Diante das dificuldades vivenciadas pelas extensionistas, houve a necessidade de reorientar as atividades para iniciativas de escuta e acolhimento psicológico individual, na “modalidade de atendimento clínico-psicológico de tipo emergencial, aberto à comunidade” (Cury, 1999 *apud* Rebouças; Dutra, 2010) [4], o plantão psicológico.

O plantão psicológico é voltado ao atendimento de sujeitos que, em momentos de urgência, muitas vezes não possuem meios de acesso à tradicional clínica psicológica, seja por falta de políticas públicas, de recursos financeiros ou até mesmo da própria necessidade de atendimento



imediatamente. Dessa maneira, o plantão funciona através da demanda espontânea, ou seja, não é necessário que se

realize qualquer tipo de marcação prévia para que este aconteça. Portanto, surge enquanto uma possibilidade de escuta qualificada, na qual o psicólogo se coloca disponível para ouvir e acolher o sujeito em sofrimento onde quer que ele esteja, criando um espaço terapêutico seguro independente de onde e sob quais circunstâncias aconteça o atendimento.

Figura 3 - Convite de acolhimento psicológico

Alinhando-se com as demandas de saúde mental e os objetivos do projeto, esse ajuste metodológico buscou atender às condições encontradas na feira, onde as práticas grupais mostraram-se, até o momento, inviáveis. Além disso, também objetivou-se a criação de vínculos entre extensionistas, orientadores e os sujeitos alvo das ações.

Ao final dos acolhimentos, os sujeitos recorrentemente expressavam seu desejo de retornar para um outro momento de escuta, além de recorrer à administração da feira durante a semana para perguntar quando haveria um próximo plantão. Dessa forma, evidenciou-se a eficácia da metodologia no estabelecimento dos primeiros vínculos entre os extensionistas e os feirantes.

4. Conclusões

A prática das extensões enquanto modelo de



intervenção, apresenta um grande potencial de integração entre comunidade e academia, isto significa que os impactos desse modo de acesso aos variados grupos sociais, permite uma troca efetiva e dialógica entre os contextos.

Dito isso, o trabalho junto a Feira central de Campina Grande se mostrou-se potencialmente complexo, por agrupar diversas pessoas, de diversos contextos, como comerciantes, profissionais do sexo, contratados e compradores, o que por vezes trazia ao trabalho, alguns impedimentos e dificuldades. Apesar dessa heterogeneidade, o trabalho da Psicologia nesse campo pôde acontecer, considerando os impasses, mas também as potencialidades do grupo atendido.

Enquanto beneficia a comunidade, pode-se destacar o acesso a profissionais e estudantes de Psicologia, que eventualmente torna-se inacessível, tanto pela questão monetária quanto pelo pouco tempo que esses trabalhadores possuem, sem que esteja direcionado ao seu fazer na feira. Neste sentido, o serviço foi até a comunidade e pôde ofertar um olhar científico, mas também uma escuta atenta e política, considerando o espaço oferecido e o tempo disponibilizado, fazendo do dia a dia na feira, uma possibilidade de produção de saúde.

No que se refere a comunidade acadêmica, salienta-se

a oportunidade de fazer uso do conhecimento teórico adquirido na academia, como ferramenta de crescimento profissional e de troca entre alunos, profissionais e público atendido. Vale destacar a experiência em contextos menos elitizados e mais comuns nas vivências brasileiras, enriquecendo cada vez mais as experiências das estudantes.

As trocas e escutas realizadas, tornaram evidente a necessidade de manter-se em contato com o público e de direcionar um olhar mais sensível para comunidades desassistidas, a fim de democratizar o fazer psicológico e de tornar o acesso a saúde mental, uma possibilidade, seja por meio de processos organizativos, grupos reflexivos, ou até uma escuta individual, mas que os desafios sejam motivadores para a atuação e transformação da categoria, tendo as extensões como grandes promotoras desse objetivo

Considerando os objetivos de desenvolvimento sustentáveis - OSD 2030, salienta-se que o trabalho atentou-se a ODS 3, isto é, ao tópico de saúde e bem-estar, objetivando promover saúde para todos os que compõem aquele espaço, distinguindo idade, raça, gênero e sexualidade, apenas para melhor atender as necessidades de cada grupo. Este olhar mais sustentável permitiu o entendimento de que se faz necessário que as equipes de saúde adentrem o campo, uma vez que, como citado, o

tempo desses trabalhadores tem sido bastante reduzido e carregado de incertezas e estresses. Fomenta-se a necessidade de políticas que sejam mais efetivas e atuantes.

6. Referências

- [1]GADOTTI, Moacir. Educação popular, educação social, educação comunitária. In: **Congresso Internacional de Pedagogia Social**. 2012. Disponível em:
<http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cips/n4v2/13.pdf>
Acesso em: 10 jan 2025
- [2]SILVA, Jociely Alves Leite da et al. **Valorização de saberes populares através de vivência em comunidade: uma experiência da extensão popular**. 2016. Disponível em:
<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/riufcg/7796/JOCIELY%20ALVES%20LEITE%20DA%20SILVA%20-%20TCC%20BACHARELADO%20EM%20NUTRI%C3%87%C3%83O%20CES%20%202016.pdf?sequence=3&isAllowed=y> Acesso em: 20 dez 2024
- [3]DE QUEIROZ, Rafael Ayres. Territorialização: Uma gestão do cuidado. **DIVERSIDADE**, p. 15, 2018. Disponível em:
https://crp11.org.br/wp-content/uploads/2022/03/28_serie-diversidade-praticas-psicologia-corrigido-ISBN-vol-1-30-jul-2019.pdf#page=19 . Acesso em: 21 Fev. 2025.
- [4]REBOUÇAS, Melina Séfora Souza; DUTRA, Elza. Plantão psicológico: uma prática clínica da contemporaneidade. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 16, n. 1, p. 19-28, 2010. Disponível em:
<https://www.redalyc.org/pdf/3577/357735613004.pdf>
Acesso em: 10 fev. 2025

Agradecimentos

À gerência da feira e colaboração no desenvolvimento das atividades. À UFCG pela concessão de bolsa(s) por meio da Chamada PROPEX 003/2023 PROBEX/UFCG.